

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E INSTABILIDADE GEOPOLÍTICA: TRANSFORMAÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO E NOVAS COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

**ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND GEOPOLITICAL INSTABILITY: LABOR
MARKET TRANSFORMATIONS AND EMERGING PROFESSIONAL
COMPETENCIES**

Ciências Sociais Aplicadas • 13/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/791848094](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/791848094)

Bruna da Silva Souza¹

Ricardo Daher Oliveira²

Wilson Alves de Araújo³

Elismar Fernandes dos Santos⁴

RESUMO

O mercado de trabalho contemporâneo tem sido transformado pela convergência entre o avanço da Inteligência Artificial e a intensificação das instabilidades geopolíticas, produzindo alterações nas estruturas produtivas, nas ocupações e nas competências profissionais. Este estudo teve como objetivo analisar como esses fenômenos redefinem as exigências do mercado de trabalho e demandam novas competências profissionais. Metodologicamente, caracteriza-se como pesquisa exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e análise crítica e interpretativa da literatura. Os resultados indicam que a Inteligência Artificial desempenha funções simultaneamente complementares e substitutivas, afetando principalmente tarefas estruturadas e ampliando a valorização de competências tecnológicas, analíticas, comportamentais e estratégicas. Evidenciou-se também que limitações na formação tecnológica podem ampliar desigualdades profissionais e socioeconômicas, enquanto decisões algorítmicas podem reproduzir discriminações e comprometer a identificação de profissionais qualificados. No âmbito internacional, a concentração de dados, semicondutores, infraestrutura tecnológica e Inteligência Artificial pode ampliar relações de dependência entre países. Conclui-se que qualificação continuada, inclusão tecnológica, pensamento crítico, adaptabilidade e capacidade analítica constituem elementos estratégicos para a empregabilidade, enquanto organizações, instituições educacionais e governos compartilham responsabilidades na preparação profissional para as transformações tecnológicas e geopolíticas contemporâneas.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Mercado de Trabalho; Competências Profissionais; Instabilidade Geopolítica.

ABSTRACT

The contemporary labor market has been transformed by the convergence of advancements in Artificial Intelligence and intensifying geopolitical instabilities, resulting in changes to production structures, occupations, and professional competencies. This study aimed to analyze how these phenomena redefine labor market requirements and create a demand for new professional competencies. Methodologically, the study is characterized as exploratory and descriptive research with a qualitative approach, conducted through a literature review and a critical, interpretive analysis of existing literature. The results indicate that Artificial Intelligence performs functions that are simultaneously complementary and substitutive; it primarily affects structured tasks while increasing the value placed on technological, analytical, behavioral, and strategic competencies. It also became evident that limitations in technological training can exacerbate professional and socioeconomic inequalities, while algorithmic decisions can perpetuate discrimination and hinder the identification of qualified professionals. At the international level, the concentration of data, semiconductors, technological infrastructure, and Artificial Intelligence capabilities can deepen dependencies between nations. The study concludes that continuous upskilling, technological inclusion, critical thinking, adaptability, and analytical capacity are strategic elements for employability, while organizations, educational institutions, and governments share responsibility for preparing the workforce for contemporary technological and geopolitical transformations.

Keywords: Artificial Intelligence; Labor Market; Professional Competencies; Geopolitical Instability.

1. INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho contemporâneo atravessa um processo de transformação marcado pela convergência de mudanças tecnológicas, econômicas, produtivas e geopolíticas. A incorporação acelerada de novas tecnologias modifica estruturas ocupacionais, processos decisórios e formas de organização do trabalho, enquanto acontecimentos internacionais ampliam incertezas relacionadas aos investimentos, às cadeias produtivas e às relações de emprego. Nesse cenário, destacam-se o avanço da Inteligência Artificial (IA) e a intensificação das instabilidades geopolíticas, fenômenos que, quando analisados conjuntamente, estabelecem novas condições para trabalhadores, organizações e governos e contribuem para redefinir as competências necessárias à inserção e permanência profissional.

A Inteligência Artificial representa uma das principais manifestações da transformação tecnológica contemporânea. A utilização crescente de algoritmos, sistemas inteligentes, automação e análise de grandes volumes de dados vem modificando a maneira como as organizações produzem bens, prestam serviços, selecionam trabalhadores e tomam decisões. Atividades repetitivas, previsíveis e estruturadas apresentam maior possibilidade de automatização, enquanto outras passam a ser realizadas mediante interação entre capacidades humanas e recursos tecnológicos. Esse processo não significa necessariamente a eliminação integral das profissões, mas promove uma reconfiguração das tarefas que as constituem, criando oportunidades e, simultaneamente, riscos de substituição de determinadas atividades humanas.

Paralelamente às transformações tecnológicas, o ambiente internacional apresenta crescente instabilidade. Conflitos militares, disputas comerciais, sanções econômicas, reorganização das cadeias

globais de suprimentos e tensões entre blocos econômicos aumentam a volatilidade das relações econômicas e produtivas. Consequentemente, as organizações passam a atuar em ambientes nos quais decisões relacionadas a investimentos, produção, logística, tecnologia e recursos humanos precisam considerar riscos que ultrapassam os limites nacionais. A interação entre tecnologia e geopolítica amplia essa complexidade, uma vez que dados, semicondutores, capacidade computacional e Inteligência Artificial assumem importância econômica e estratégica nas relações internacionais.

Essas transformações também evidenciam desigualdades relacionadas à formação e à capacidade de adaptação profissional. A incorporação das tecnologias aos processos produtivos não ocorre simultaneamente à democratização das competências necessárias para sua utilização. Trabalhadores com maior formação tecnológica tendem a apresentar melhores condições de adaptação, enquanto aqueles com menor acesso à educação e à qualificação podem permanecer concentrados em atividades mais suscetíveis à automação. Nesse sentido, a inclusão digital ultrapassa o simples acesso a equipamentos e à internet, envolvendo a capacidade de utilizar tecnologias de maneira produtiva, crítica e estratégica. A qualificação continuada passa, portanto, a assumir papel fundamental para a empregabilidade e a adaptação às novas configurações do trabalho.

Nesse contexto, também ocorre uma ampliação do próprio conceito de competência profissional. Os conhecimentos técnicos permanecem necessários, porém tornam-se insuficientes diante de ambientes caracterizados por automação, inovação e incerteza. Competências digitais e tecnológicas passam a coexistir com

capacidade analítica, pensamento crítico, criatividade, comunicação, adaptabilidade, inteligência emocional, visão estratégica e aprendizagem contínua. A formação profissional precisa, assim, integrar conhecimentos técnicos, comportamentais e estratégicos, preparando os indivíduos não apenas para executar funções existentes, mas também para responder às transformações futuras do mercado de trabalho.

A utilização da própria Inteligência Artificial nos processos de gestão amplia os desafios relacionados ao trabalho. Sistemas algorítmicos empregados no recrutamento, na avaliação de desempenho e na tomada de decisões podem aumentar a capacidade de processamento das organizações, mas também reproduzir discriminações existentes nos dados utilizados. Dessa forma, eficiência tecnológica não significa necessariamente neutralidade ou qualidade decisória, tornando necessária uma análise crítica das implicações organizacionais, profissionais e sociais decorrentes da utilização desses sistemas.

Diante dessa realidade, compreender as transformações do trabalho exige uma perspectiva interdisciplinar capaz de articular tecnologia, economia, geopolítica, educação e gestão de pessoas. A relevância desta investigação encontra-se justamente na análise integrada da Inteligência Artificial e das instabilidades geopolíticas, buscando compreender seus efeitos sobre o mercado de trabalho e, particularmente, sobre as competências necessárias ao profissional contemporâneo. A pesquisa concentra-se, portanto, na relação entre transformação tecnológica, incerteza geopolítica, qualificação e empregabilidade, reconhecendo esses elementos como dimensões interdependentes de uma mesma transformação estrutural.

Assim sendo, mediante as considerações feita da temática proposta, estabelece-se como problema de pesquisa do presente artigo: **Quais competências profissionais têm se tornado estratégicas no mercado de trabalho contemporâneo em razão do avanço da Inteligência Artificial e das transformações provocadas pelas instabilidades geopolíticas?**

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para que o trabalho tenha boa sustentação teórica e, ao final, consiga responder ao problema de pesquisa e atingir os objetivos propostos, sugere-se três subtítulos principais onde, o primeiro subtítulo explica como a inteligência artificial transforma o trabalho. Já o segundo subtítulo demonstra como a instabilidade geopolítica intensifica incertezas e redefine exigências econômicas e laborais. Finalizando a revisão, o terceiro subtítulo reúne os efeitos dessas duas forças e mostra quais novas competências profissionais a literatura sugere como resposta a esse cenário.

Adotando esta sequência na revisão, entende-se que a mesma garantirá uma coerência teórica e metodológica, porque conduz a temática desde a base estrutural do problema até a resposta central da pesquisa.

2.1. Inteligência Artificial e Transformação do Mercado de Trabalho Contemporâneo

A Inteligência Artificial (IA) consolidou-se como uma das principais forças transformadoras do século XXI, promovendo mudanças profundas nas estruturas econômicas, sociais e produtivas. Seu avanço ocorre em um contexto marcado pela intensificação da digitalização, pela expansão das tecnologias informacionais e pela

crescente automatização de processos em diferentes setores da economia. Nesse cenário, a IA deixa de ser apenas uma ferramenta tecnológica e passa a desempenhar um papel estratégico na reorganização do mercado de trabalho contemporâneo, redefinindo funções profissionais, alterando padrões de produtividade e influenciando diretamente as relações laborais. Conforme destacam Borges, Rodrigues e Dutra (2025, p. 3), a Inteligência Artificial “tem revolucionado o campo da computação e se consolidado como uma das tecnologias mais promissoras das últimas décadas”, impactando diretamente a economia e a organização social.

A expansão da IA está profundamente relacionada à chamada Indústria 4.0, caracterizada pela integração entre sistemas digitais, automação avançada, internet das coisas e processamento massivo de dados. Essa nova configuração produtiva altera não apenas os métodos de produção, mas também os próprios fundamentos da dinâmica organizacional. Segundo Oliveira et. al. (2025, p. 12), as tecnologias de automação, aprendizado de máquina e robótica “estão revolucionando os setores produtivos, substituindo funções humanas em atividades repetitivas e aumentando a eficiência em níveis antes inimagináveis”. Tal transformação evidencia que a IA não se limita ao ambiente industrial, alcançando áreas como educação, saúde, logística, serviços financeiros e administração pública.

O impacto da inteligência artificial sobre o mercado de trabalho possui características ambíguas e contraditórias. Por um lado, observa-se a ampliação da produtividade, da capacidade analítica e da eficiência operacional das organizações. Por outro, surgem preocupações relacionadas ao desemprego tecnológico, à precarização das relações de trabalho e ao aprofundamento das

desigualdades sociais. Nesse sentido, Hammeschmidt e Klinkzack (2024, p. 3) afirmam que a IA “vem remodelando profundamente o ambiente de trabalho”, exigindo dos trabalhadores novas competências e habilidades voltadas para o domínio tecnológico e a adaptação contínua às mudanças produtivas. A velocidade dessas transformações amplia a insegurança ocupacional, sobretudo entre trabalhadores menos qualificados.

A relação entre inovação tecnológica e transformação econômica já havia sido discutida por Joseph Schumpeter, cuja teoria da destruição criadora permanece atual para compreender os efeitos da inteligência artificial. Para Schumpeter, o desenvolvimento econômico ocorre por meio de “novas combinações” que substituem métodos produtivos anteriores, destruindo estruturas antigas e criando novas oportunidades. Oliveira, et. al. (2025, p. 18) observam que a IA representa uma dessas “novas combinações”, pois altera profundamente os meios de produção e redefine a dinâmica concorrencial contemporânea. Nesse processo, setores inteiros passam por reestruturações rápidas, tornando determinadas funções obsoletas enquanto novas ocupações surgem vinculadas à análise de dados, programação, engenharia de sistemas e gestão tecnológica.

A automação baseada em IA tem produzido mudanças especialmente intensas nas atividades repetitivas e operacionais. Em setores industriais, robôs inteligentes executam tarefas antes realizadas por trabalhadores humanos, reduzindo custos produtivos e ampliando a eficiência empresarial. Borges, Rodrigues e Dutra (2025, p. 8) destacam que, na manufatura, “robôs equipados com inteligência artificial já realizam tarefas de montagem, inspeção de qualidade e gerenciamento de inventário com maior precisão e

eficiência”. Tal processo evidencia que a IA não atua apenas como ferramenta auxiliar, mas como elemento capaz de substituir diretamente determinadas ocupações humanas.

No setor de serviços, os impactos também são expressivos. Sistemas automatizados de atendimento, assistentes virtuais e algoritmos de recomendação vêm substituindo parte das atividades tradicionalmente exercidas por trabalhadores administrativos e operadores de suporte. Hammeschmidt e Klinkzack (2024, p. 7) ressaltam que *chatbots* e sistemas inteligentes passaram a realizar “funções que antes exigiam a presença humana”, proporcionando respostas rápidas e reduzindo custos operacionais. Entretanto, essa substituição tecnológica também contribui para o desaparecimento gradual de determinadas funções intermediárias, intensificando o fenômeno do desemprego estrutural.

Além da substituição ocupacional, a inteligência artificial altera profundamente a estrutura das competências profissionais exigidas pelo mercado. O trabalhador contemporâneo passa a necessitar de habilidades ligadas à interpretação de dados, pensamento analítico, criatividade, capacidade de adaptação e domínio de ferramentas digitais. Borges, Rodrigues e Dutra (2025, p. 8) afirmam que a IA “redefine as habilidades e competências necessárias no mercado de trabalho moderno”, exigindo formação contínua e processos permanentes de qualificação profissional. Dessa forma, o avanço tecnológico amplia a pressão sobre sistemas educacionais e políticas públicas voltadas à capacitação técnica da população economicamente ativa.

As transformações provocadas pela IA também produzem impactos significativos sobre a desigualdade social. Trabalhadores altamente

qualificados tendem a ser beneficiados pelas novas oportunidades vinculadas à economia digital, enquanto indivíduos com baixa escolaridade enfrentam maior risco de exclusão produtiva. Oliveira, et. al. (2025, p. 23) destaca que “as tarefas que são automatizadas são precisamente aquelas realizadas por trabalhadores de baixa qualificação”, o que contribui para ampliar disparidades salariais e dificuldades de inserção no mercado formal. Essa lógica reforça processos de concentração de renda e exclusão econômica, especialmente em países periféricos e com menor capacidade tecnológica.

No contexto brasileiro, os desafios associados à implementação da inteligência artificial tornam-se ainda mais complexos devido às desigualdades estruturais existentes. Borges, Rodrigues e Dutra (2025, p. 16) observam que muitos setores produtivos brasileiros ainda operam em padrões industriais inferiores aos observados em economias centrais, dificultando a integração plena da IA nos processos produtivos. Além disso, problemas relacionados à infraestrutura tecnológica, à baixa qualificação da força de trabalho e à limitação de investimentos em inovação reduzem a capacidade competitiva nacional frente às economias mais desenvolvidas.

Outro aspecto relevante diz respeito à cultura organizacional nas empresas contemporâneas. A incorporação da inteligência artificial exige mudanças estruturais nos modelos de gestão, nas formas de liderança e nos mecanismos de tomada de decisão. Cardoso et al. (2025, p. 4) argumentam que a IA “não apenas automatiza tarefas repetitivas, mas redefine o papel humano nas empresas”, deslocando o foco das atividades operacionais para funções mais analíticas e estratégicas. Esse processo exige organizações mais

flexíveis, inovadoras e orientadas pela integração entre tecnologia e capital humano.

A adoção da IA também provoca mudanças nas relações interpessoais dentro das organizações. Sistemas inteligentes passam a influenciar mecanismos de avaliação de desempenho, controle produtivo e monitoramento das atividades laborais. Cardoso et al. (2025, p. 12) afirmam que a presença da IA “introduz novas formas de interação entre colaboradores e sistemas automatizados”, criando desafios relacionados à autonomia profissional, à subjetividade do trabalho e à preservação das dimensões humanas nas organizações. Tal cenário evidencia que a transformação digital não se restringe à eficiência econômica, alcançando também aspectos culturais e comportamentais das relações de trabalho.

Paralelamente aos benefícios produtivos, cresce a preocupação com os efeitos éticos da inteligência artificial. A utilização de algoritmos para recrutamento, avaliação de desempenho e seleção de candidatos pode reproduzir vieses discriminatórios já existentes na sociedade. Araújo et al. (2025, p. 5) destacam que a chamada “estratificação digital” reforça desigualdades relacionadas à classe social, raça e gênero, reproduzindo mecanismos de exclusão por meio de sistemas automatizados de decisão. Nesse contexto, a IA deixa de ser vista como tecnologia neutra e passa a ser compreendida como instrumento capaz de ampliar assimetrias históricas.

Os algoritmos utilizados em plataformas digitais frequentemente operam a partir de grandes bases de dados que refletem desigualdades sociais preexistentes. Como consequência, sistemas

de recomendação, vigilância e análise comportamental podem intensificar discriminações indiretas. Araújo et al. (2025, p. 6) argumentam que muitos algoritmos “priorizam certos conteúdos e silenciam outros”, produzindo mecanismos de invisibilização social e reforçando estruturas de marginalização. Essa dinâmica evidencia que o avanço tecnológico precisa ser acompanhado por mecanismos regulatórios capazes de assegurar transparência, responsabilidade e justiça algorítmica.

Além das desigualdades sociais, a inteligência artificial produz impactos jurídicos e institucionais relevantes. A utilização crescente de sistemas automatizados em atividades judiciais, administrativas e governamentais levanta debates relacionados à privacidade, à proteção de dados e à autonomia decisória. Santos (2023, p. 4) afirma que a expansão da IA exige uma “responsabilidade civil” mais rigorosa, especialmente em situações nas quais decisões automatizadas afetam diretamente direitos fundamentais. A crescente dependência de sistemas algorítmicos demanda, portanto, novas estruturas normativas voltadas à regulação tecnológica contemporânea.

No campo econômico, a inteligência artificial também fortalece processos de concentração de mercado. Grandes corporações tecnológicas possuem maior capacidade financeira e estrutural para investir em pesquisa, processamento de dados e desenvolvimento algorítmico, ampliando vantagens competitivas frente às pequenas empresas. Oliveira (2025, p. 14) ressalta que tecnologias de propósito geral, como a IA, podem “levar à concentração de poder em poucas corporações”, aumentando desigualdades econômicas e reduzindo a competitividade em determinados setores. Esse cenário favorece estruturas oligopolizadas e amplia a dependência tecnológica de

economias periféricas em relação aos grandes centros globais de inovação.

Apesar dos riscos associados à automação, a inteligência artificial também cria oportunidades relevantes de inovação e geração de novos empregos. O desenvolvimento de softwares, análise de dados, segurança digital, engenharia de sistemas e manutenção tecnológica são áreas que apresentam crescimento acelerado em função da expansão da economia digital. Hammeschmidt e Klinkzack (2024, p. 9) afirmam que a IA “tem impulsionado a criação de novas oportunidades de emprego”, especialmente em setores voltados ao desenvolvimento tecnológico e à integração entre sistemas inteligentes e produção econômica. Assim, embora determinadas ocupações desapareçam, novas funções emergem em ritmo crescente.

Na área da saúde, os impactos positivos da IA são particularmente evidentes. Sistemas inteligentes auxiliam diagnósticos médicos, análise de exames, monitoramento de pacientes e gestão hospitalar. Borges, Rodrigues e Dutra (2025, p. 12) destacam que algoritmos avançados conseguem identificar padrões em exames clínicos “com maior precisão”, contribuindo para diagnósticos mais rápidos e tratamentos personalizados. Essas aplicações demonstram que a inteligência artificial possui potencial significativo para ampliar a qualidade dos serviços e otimizar recursos institucionais.

No setor educacional, a IA também modifica profundamente os processos de ensino e aprendizagem. Plataformas adaptativas, sistemas de tutoria inteligente e ferramentas de análise de desempenho permitem maior personalização educacional. Borges, Rodrigues e Dutra (2025, p. 13) observam que algoritmos

educacionais conseguem identificar dificuldades específicas dos estudantes e adaptar conteúdos conforme as necessidades individuais. Contudo, a incorporação dessas tecnologias também amplia desigualdades entre instituições com diferentes capacidades de investimento tecnológico.

A agricultura contemporânea igualmente vem sendo transformada pela inteligência artificial. Sensores inteligentes, drones e sistemas automatizados permitem maior controle sobre irrigação, monitoramento climático e produtividade agrícola. Borges, Rodrigues e Dutra (2025, p. 15) afirmam que a IA auxilia produtores rurais na “redução do desperdício de recursos” e no aumento da eficiência produtiva. Entretanto, tais avanços tendem a beneficiar principalmente grandes produtores, ampliando dificuldades competitivas para pequenos agricultores com menor acesso tecnológico.

Diante desse conjunto de transformações, torna-se evidente que a inteligência artificial representa simultaneamente oportunidade e desafio para o mercado de trabalho contemporâneo. Seus efeitos positivos sobre produtividade, inovação e eficiência convivem com riscos relacionados ao desemprego estrutural, à precarização laboral e à ampliação das desigualdades sociais. Cardoso et al. (2025, p. 18) ressaltam que a verdadeira transformação empresarial depende da capacidade de equilibrar “avanço tecnológico com valores humanos”, evitando que a racionalidade automatizada elimine dimensões éticas e sociais fundamentais das relações de trabalho.

Portanto, compreender os impactos da inteligência artificial exige uma análise multidimensional que considere simultaneamente fatores econômicos, sociais, culturais e políticos. A transformação

tecnológica em curso não pode ser interpretada apenas como evolução produtiva, mas como reconfiguração estrutural das relações sociais contemporâneas. A construção de políticas públicas voltadas à qualificação profissional, à inclusão digital, à proteção trabalhista e à regulação ética dos algoritmos torna-se essencial para garantir que os benefícios da IA sejam distribuídos de maneira mais equilibrada. Assim, o futuro do trabalho dependerá não apenas da velocidade da inovação tecnológica, mas também da capacidade das sociedades de construir mecanismos institucionais capazes de conciliar eficiência produtiva, justiça social e dignidade humana.

2.2. Instabilidade Geopolítica e Seus Impactos Sobre as Dinâmicas Econômicas e Laborais

A instabilidade geopolítica consolidou-se como uma das principais características das relações internacionais no século XXI, influenciando diretamente os sistemas econômicos, financeiros e laborais em escala global. O cenário contemporâneo é marcado por disputas estratégicas entre grandes potências, guerras regionais, sanções econômicas, fragmentação geoeconômica e reconfiguração das cadeias produtivas internacionais. Esses fenômenos alteram profundamente os fluxos comerciais, a dinâmica dos investimentos, os custos produtivos e a organização do trabalho, produzindo efeitos diretos sobre empresas, trabalhadores e governos. Conforme afirmam Nascimento et al. (2026, p. 2), “a dinâmica das relações internacionais no século XXI tem sido marcada por intensas transformações geopolíticas”, decorrentes da multipolaridade e da crescente competição entre Estados e blocos econômicos.

A reorganização da ordem mundial após o fim da Guerra Fria inicialmente fortaleceu o processo de globalização econômica,

promovendo maior integração comercial e financeira entre os países. Entretanto, as crises econômicas, os conflitos regionais e o avanço das disputas geopolíticas passaram a produzir um movimento contrário de fragmentação econômica e fortalecimento de políticas protecionistas. Carvalho (2025, p. 2) destaca que “a fragmentação geoeconômica se consolidou como um fenômeno estrutural”, impulsionado pelas tensões entre grandes potências, sobretudo entre Estados Unidos, China e Rússia. Tal processo modifica profundamente as estruturas produtivas globais e amplia a instabilidade econômica internacional.

Nesse contexto, a geopolítica assume papel central na compreensão das dinâmicas econômicas contemporâneas. As disputas territoriais, energéticas e comerciais influenciam diretamente os fluxos de capitais, a organização das cadeias de suprimentos e os níveis de competitividade das economias nacionais. Flamangola et al. (2025, p. 4) observam que a “interdependência entre geopolítica, comércio internacional e soberania econômica” tornou-se um dos elementos centrais das relações econômicas contemporâneas, exigindo dos Estados maior capacidade estratégica para proteger interesses nacionais diante de pressões externas.

A guerra entre Rússia e Ucrânia tornou-se um dos exemplos mais emblemáticos dos impactos da instabilidade geopolítica sobre a economia global. O conflito afetou diretamente mercados energéticos, cadeias logísticas e preços internacionais de commodities estratégicas. Gregatte et al. (2025, p. 7) afirmam que a guerra “ampliou as incertezas” e elevou os custos de energia, fertilizantes e insumos industriais, provocando inflação, desaceleração econômica e dificuldades produtivas em diversos países. Além disso, o conflito evidenciou a elevada dependência

internacional de determinadas regiões produtoras de energia e matérias-primas.

A questão energética permanece como um dos principais fatores de tensão geopolítica mundial. O petróleo, o gás natural e outros recursos energéticos estratégicos continuam sendo instrumentos de poder econômico e político. Silva e Peixinho (2025, p. 151) destacam que “o petróleo desempenha um papel singular na economia global e no sistema internacional”, sendo utilizado como mecanismo de influência geopolítica por grandes potências e organizações internacionais. A dependência energética entre países cria relações de vulnerabilidade econômica e intensifica disputas por controle territorial, infraestrutura logística e acesso a recursos naturais.

A consolidação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) exemplifica como os recursos energéticos passaram a desempenhar função estratégica nas relações internacionais. Silva e Peixinho (2025, p. 152) ressaltam que a OPEP foi criada com o objetivo de “proteger os interesses econômicos dos países produtores”, influenciando diretamente preços internacionais e a dinâmica econômica global. A utilização do petróleo como instrumento político ampliou a vulnerabilidade das economias dependentes de importações energéticas, sobretudo durante períodos de crise internacional.

As tensões geopolíticas também alteram profundamente o comércio internacional. Barreiras tarifárias, sanções econômicas, restrições tecnológicas e disputas comerciais entre grandes potências passaram a influenciar a reorganização das cadeias produtivas globais. Flamangola et al. (2025, p. 8) observam que as

disputas econômicas contemporâneas “ultrapassam o campo militar tradicional”, incorporando dimensões tecnológicas, comerciais e financeiras como instrumentos centrais de poder global. Dessa forma, o comércio internacional deixa de ser apenas mecanismo econômico e passa a integrar estratégias geopolíticas mais amplas.

A rivalidade entre Estados Unidos e China representa uma das principais expressões da atual instabilidade geopolítica. As restrições impostas ao comércio de semicondutores, inteligência artificial e tecnologias estratégicas revelam a crescente disputa por liderança tecnológica global. Carvalho (2025, p. 5) afirma que os conflitos comerciais entre as duas potências “reduziram investimentos e ampliaram incertezas”, afetando mercados financeiros, cadeias produtivas e decisões empresariais em escala mundial. O avanço dessa disputa evidencia a crescente relação entre tecnologia, soberania econômica e poder geopolítico.

A fragmentação geoeconômica produz impactos significativos sobre os sistemas monetários e financeiros internacionais. O fortalecimento de blocos econômicos, o aumento das sanções financeiras e a busca por moedas alternativas ao dólar refletem tentativas de redução da dependência em relação às economias centrais. Carvalho (2025, p. 11) destaca que a fragmentação econômica “pode comprometer a estabilidade do sistema monetário internacional”, elevando custos de transação, reduzindo investimentos e ampliando riscos financeiros globais.

Os efeitos dessas transformações alcançam diretamente o mercado de trabalho contemporâneo. Crises geopolíticas afetam níveis de emprego, salários, produtividade e estabilidade ocupacional, sobretudo em setores dependentes do comércio internacional.

Gregatte et al. (2025, p. 9) afirmam que interrupções logísticas e aumento dos custos produtivos provocam “incerteza e desaceleração econômica”, reduzindo investimentos empresariais e afetando diretamente a geração de empregos. A instabilidade internacional amplia a insegurança laboral e favorece processos de precarização do trabalho.

A reorganização das cadeias globais de suprimentos também modifica profundamente as dinâmicas produtivas. Empresas passaram a buscar estratégias de *reshoring*, *nearshoring* e *friendshoring*, (trazer de volta para o país de origem as atividades de produção e manufatura que haviam sido transferidas para o exterior e, transferir bases de produção para países geograficamente próximos ao mercado consumidor final). aproximando parte da produção de mercados considerados politicamente mais seguros. Gregatte et al. (2025, p. 8) destacam que a busca por “diversificação de fornecedores” tornou-se elemento central da gestão logística contemporânea. Tal movimento altera a distribuição geográfica do trabalho industrial e modifica padrões globais de produção e emprego.

Os trabalhadores dos setores industriais e logísticos encontram-se entre os mais afetados pela instabilidade geopolítica contemporânea. O aumento dos custos de transporte, a interrupção de rotas comerciais e a redução do fluxo de mercadorias impactam diretamente cadeias produtivas globais. Carvalho (2025, p. 13) ressalta que a reorganização econômica internacional “pressiona empresas a revisarem estratégias produtivas”, afetando investimentos industriais e relações de trabalho em diferentes economias.

Além dos impactos econômicos, a instabilidade geopolítica influencia diretamente políticas públicas nacionais. Governos passam a adotar medidas voltadas à proteção de setores estratégicos, controle de recursos naturais e fortalecimento da autonomia produtiva. Flamangola et al. (2025, p. 12) observam que os Estados buscam “equilibrar abertura econômica com proteção de recursos críticos”, demonstrando que a soberania econômica voltou a ocupar posição central nas estratégias nacionais contemporâneas.

A busca pela soberania econômica também se relaciona à crescente preocupação com segurança alimentar e energética. A dependência excessiva de cadeias produtivas internacionais mostrou-se vulnerável durante crises recentes. Silva e Peixinho (2025, p. 160) afirmam que a dependência energética “pode ser usada como instrumento de pressão política”, tornando economias altamente dependentes mais suscetíveis a crises e instabilidades externas. Tal realidade impulsiona políticas de nacionalização produtiva e fortalecimento de cadeias estratégicas internas.

A instabilidade geopolítica também afeta diretamente os níveis inflacionários globais. A elevação dos preços da energia, alimentos e insumos industriais impacta custos produtivos e reduz o poder de compra das populações. Gregatte et al. (2025, p. 9) observam que o aumento dos preços energéticos após 2022 “impôs desafios ao setor agrícola e industrial”, intensificando pressões inflacionárias em diversas economias. Essas transformações afetam especialmente trabalhadores de baixa renda, mais vulneráveis às oscilações econômicas internacionais.

Os conflitos geopolíticos contemporâneos também aceleram processos de regionalização econômica. Blocos econômicos e

alianças estratégicas tornam-se mecanismos utilizados para reduzir vulnerabilidades externas e ampliar a capacidade competitiva dos países. Nascimento et al. (2026, p. 8) afirmam que a multipolaridade contemporânea é caracterizada pela “formação de novos polos de poder”, intensificando disputas regionais e transformando as estruturas tradicionais das relações internacionais.

Na esfera tecnológica, as disputas geopolíticas ampliam a competição pelo controle de dados, inteligência artificial, semicondutores e sistemas digitais. O domínio tecnológico passou a representar fator central de poder econômico contemporâneo. Flamangola et al. (2025, p. 13) observam que setores estratégicos como inteligência artificial e semicondutores “adicionam novas camadas de complexidade” às relações internacionais, exigindo políticas industriais e tecnológicas mais sofisticadas por parte dos Estados nacionais.

As transformações geopolíticas também desafiam organismos multilaterais e instituições internacionais. A Organização das Nações Unidas, a Organização Mundial do Comércio e outras instituições enfrentam dificuldades crescentes para mediar disputas entre grandes potências. Nascimento et al. (2026, p. 10) afirmam que os mecanismos tradicionais do Direito Internacional “nem sempre são suficientes” para lidar com a crescente complexidade dos conflitos contemporâneos. Essa limitação institucional amplia a instabilidade econômica global e dificulta a construção de consensos multilaterais.

Outro aspecto relevante refere-se ao fortalecimento do protecionismo econômico. Países passaram a ampliar subsídios industriais, restrições comerciais e políticas de incentivo à produção

nacional. Carvalho (2025, p. 10) observa que o aumento do protecionismo “reconfigura cadeias produtivas” e altera fluxos comerciais internacionais, influenciando diretamente investimentos e relações de trabalho. O retorno de políticas industriais nacionais evidencia o enfraquecimento parcial do paradigma liberal predominante nas décadas anteriores.

No mercado laboral, as mudanças geopolíticas também aceleram transformações tecnológicas e produtivas. Empresas buscam reduzir dependências externas por meio da automação, digitalização e inteligência artificial, diminuindo custos e aumentando eficiência operacional. Entretanto, tais processos também ampliam a substituição de trabalhadores em determinados setores produtivos. Gregatte et al. (2025, p. 12) ressaltam que a busca por “resiliência e eficiência” redefine estratégias empresariais, modificando padrões de emprego e qualificação profissional.

A crescente instabilidade internacional evidencia que economia, geopolítica e trabalho tornaram-se dimensões profundamente interdependentes. Conflitos regionais, disputas comerciais e crises energéticas influenciam diretamente a dinâmica produtiva global, afetando empregos, investimentos e políticas públicas. Silva e Peixinho (2025, p. 163) destacam que as disputas por energia e recursos naturais continuam moldando “as relações de poder entre Estados”, influenciando diretamente os rumos da economia mundial contemporânea.

Portanto, compreender a instabilidade geopolítica contemporânea exige uma análise integrada entre economia, política internacional e relações laborais. O cenário multipolar do século XXI intensifica disputas estratégicas e amplia a vulnerabilidade das cadeias

produtivas globais, produzindo impactos diretos sobre trabalhadores, empresas e Estados nacionais. As transformações atuais demonstram que o mercado de trabalho não pode mais ser analisado isoladamente das dinâmicas geopolíticas e econômicas globais. Nesse contexto, torna-se essencial a construção de políticas públicas voltadas à segurança econômica, à proteção social, à diversificação produtiva e à cooperação internacional, de modo a reduzir vulnerabilidades e promover maior estabilidade em um sistema global cada vez mais complexo e competitivo.

2.3. – Novas Competências Profissionais: Desafios da Qualificação na Contemporaneidade

As transformações econômicas, tecnológicas e sociais ocorridas nas últimas décadas alteraram profundamente as exigências do mercado de trabalho e o perfil das competências profissionais demandadas pelas organizações contemporâneas. A expansão da digitalização, da inteligência artificial, da automação e das novas formas de organização produtiva passou a exigir trabalhadores capazes de lidar com ambientes dinâmicos, instáveis e altamente competitivos. Nesse cenário, a formação profissional deixou de estar centrada apenas na aquisição de conhecimentos técnicos, incorporando habilidades cognitivas, comportamentais, sociais e tecnológicas como elementos essenciais para a empregabilidade e para a adaptação às constantes mudanças do mundo do trabalho. Conforme destaca Graeff (2011, p. 59), as organizações contemporâneas exigem profissionais capazes de atuar em “novas formas de trabalho”, marcadas pela intensa circulação de informações e pela necessidade permanente de atualização profissional.

O avanço tecnológico e a reestruturação produtiva ampliaram significativamente a complexidade das relações laborais contemporâneas. O trabalhador do século XXI passou a conviver com rápidas mudanças tecnológicas, novas plataformas digitais, processos automatizados e exigências crescentes de inovação. Graeff (2011, p. 60) afirma que a sociedade contemporânea é caracterizada pela “explosão da informação” e pela emergência de novos modelos organizacionais, exigindo profissionais mais flexíveis e capazes de atuar em ambientes multidisciplinares. Essas mudanças redefinem não apenas o conteúdo do trabalho, mas também os critérios de qualificação profissional.

As novas exigências do mercado de trabalho produziram uma ampliação significativa do conceito de competência profissional. O domínio técnico isolado deixou de ser suficiente para garantir inserção e permanência no mercado laboral. Graeff (2011, p. 62) ressalta que competência envolve um “trinômio” composto por saber, querer fazer e saber fazer, integrando conhecimentos, atitudes e habilidades práticas. Dessa forma, as organizações passaram a valorizar profissionais capazes de combinar competências técnicas com capacidades interpessoais, comunicação, criatividade e resolução de problemas.

No contexto contemporâneo, as chamadas hard skills e soft skills assumiram posição central na formação profissional. As hard skills correspondem aos conhecimentos técnicos específicos adquiridos formalmente, enquanto as soft skills referem-se às competências comportamentais e socioemocionais necessárias à convivência organizacional. Graeff (2011, p. 67) destaca que o novo perfil profissional demanda “domínio das TIC, conhecimento de idiomas,

comunicação e adaptação”, além de habilidades relacionadas ao trabalho em equipe e à aprendizagem contínua.

A crescente valorização das competências socioemocionais está diretamente relacionada às mudanças nos modelos produtivos contemporâneos. O trabalho em rede, a economia digital e os ambientes colaborativos exigem profissionais capazes de interagir, comunicar-se e resolver conflitos de maneira eficiente. Graeff (2011, p. 68) observa que o mercado contemporâneo valoriza “o trabalho em equipe, interdisciplinaridade e aprendizado contínuo”, indicando que o perfil profissional contemporâneo ultrapassa os limites da formação técnica tradicional.

As transformações do mercado de trabalho também impuseram novos desafios aos sistemas educacionais. As instituições de ensino passaram a enfrentar dificuldades para acompanhar a velocidade das mudanças tecnológicas e das exigências profissionais contemporâneas. Graeff (2025, p. 1291) afirma que “o grande desafio na área da educação contemporânea é preparar os estudantes para carreiras que talvez nem existam”, exigindo novas metodologias de ensino e novos modelos de formação profissional.

Nesse cenário, a formação profissional passou a exigir maior integração entre teoria e prática. A simples transmissão de conteúdos deixou de atender às necessidades do mercado de trabalho contemporâneo, que demanda profissionais capazes de aplicar conhecimentos em contextos complexos e dinâmicos. Graeff (2025, p. 1292) destaca que a educação contemporânea precisa combinar “habilidades técnicas e competências socioemocionais”, preparando indivíduos para lidar com ambientes laborais marcados pela inovação constante e pela transformação digital.

A rápida expansão da inteligência artificial, da automação e da computação em nuvem intensificou ainda mais as exigências relacionadas à qualificação profissional. Graeff (2025, p. 1293) afirma que profissões tradicionais estão sendo substituídas ou profundamente modificadas pelas novas tecnologias, exigindo trabalhadores capazes de se adaptar rapidamente às transformações produtivas. O mercado contemporâneo valoriza profissionais com capacidade de aprendizagem contínua e atualização permanente de competências.

Além das competências técnicas, as organizações passaram a valorizar fortemente capacidades cognitivas relacionadas à criatividade, inovação e resolução de problemas complexos. Graeff (2025, p. 1294) observa que “a criatividade é outro fator que se torna cada vez mais essencial em um mercado de trabalho dominado pela inovação”. Dessa forma, a formação profissional contemporânea precisa estimular o pensamento crítico e a capacidade de adaptação dos estudantes diante de cenários imprevisíveis.

As competências emocionais também ganharam relevância significativa no ambiente corporativo contemporâneo. Habilidades como empatia, inteligência emocional, liderança e comunicação passaram a ser consideradas diferenciais competitivos importantes. Graeff (2025, p. 1295) afirma que a inteligência emocional se tornou fundamental para “gestão de relacionamentos” e construção de ambientes organizacionais mais colaborativos e produtivos. As empresas passaram a compreender que desempenho profissional depende também das relações interpessoais e da capacidade de cooperação.

A contemporaneidade também impõe desafios relacionados à flexibilidade e à capacidade de adaptação profissional. Os trabalhadores precisam lidar com mudanças constantes nas tecnologias, nas formas de gestão e nas estruturas organizacionais. Graeff (2025, p. 1296) destaca que as empresas buscam profissionais “capazes de lidar com mudanças constantes”, demonstrando que a estabilidade ocupacional foi substituída pela necessidade permanente de atualização e reinvenção profissional.

As transformações tecnológicas também ampliaram a importância da educação continuada e da aprendizagem ao longo da vida. O conhecimento tornou-se rapidamente obsoleto em diversos setores econômicos, exigindo processos contínuos de capacitação. Graeff (2011, p. 69) ressalta que a sociedade contemporânea exige “humanizar a informação e o conhecimento”, indo além da simples memorização de conteúdos técnicos. Isso demonstra que a formação profissional contemporânea deve estimular autonomia intelectual e capacidade crítica.

A relação entre educação e trabalho tornou-se ainda mais complexa diante das novas exigências econômicas e tecnológicas. Santos et al. (2025, p. 20489) afirmam que as instituições educacionais precisam adaptar “práticas pedagógicas e curriculares” às novas demandas do mercado, sem abandonar a formação humana e crítica dos estudantes. O desafio contemporâneo consiste em equilibrar formação técnica, cidadania e desenvolvimento humano.

Nesse contexto, a educação profissional passou a desempenhar papel estratégico na formação de trabalhadores aptos a atuar em ambientes produtivos altamente dinâmicos. Santos et al. (2025, p. 20492) observam que a formação profissional contemporânea exige

“constante adaptação às transformações do mercado de trabalho”, incorporando competências relacionadas à tecnologia, inovação e resolução de problemas complexos.

As novas tecnologias digitais transformaram profundamente os métodos de ensino e aprendizagem. Plataformas virtuais, ambientes digitais, inteligência artificial e recursos multimídia passaram a integrar os processos formativos contemporâneos. Santos et al. (2025, p. 20494) destacam que a utilização de tecnologias no ensino profissional “não deve ser vista apenas como modernização”, mas como transformação estrutural dos modelos pedagógicos e das práticas educacionais.

A inclusão digital tornou-se elemento fundamental da qualificação profissional contemporânea. O acesso às tecnologias e o domínio das ferramentas digitais passaram a representar condições básicas de empregabilidade em diversos setores econômicos. Santos et al. (2025, p. 20499) afirmam que as tecnologias assistivas e digitais ampliam oportunidades de aprendizagem e promovem maior inclusão educacional e profissional. Entretanto, persistem desigualdades relacionadas ao acesso tecnológico e às condições de formação digital.

Outro desafio relevante refere-se à inadequação entre currículos educacionais e demandas efetivas do mercado de trabalho. Muitas instituições ainda mantêm modelos pedagógicos excessivamente tradicionais, pouco alinhados às transformações produtivas contemporâneas. Santos et al. (2020, p. 8) afirmam que a reforma do ensino médio e da educação profissional no Brasil evidencia disputas entre uma formação voltada à “qualificação imediata” e uma formação humana integral.

A educação profissional e tecnológica passou a ocupar posição estratégica nas políticas educacionais contemporâneas. Santos et al. (2020, p. 10) destacam que a Educação Profissional e Tecnológica busca articular “trabalho, ciência, tecnologia e cultura”, promovendo uma formação mais integrada e alinhada às exigências sociais e econômicas contemporâneas. Entretanto, persistem desafios relacionados à precarização estrutural do ensino e às desigualdades de acesso à qualificação.

As mudanças nas formas de trabalho também exigem revisão das práticas docentes e das metodologias educacionais. Souza e Comaru (2022, p. 2) afirmam que a educação profissional contemporânea precisa compreender “os novos cenários de aprendizagem”, considerando tanto o ambiente formal de ensino quanto as transformações ocorridas no mundo do trabalho e na sociedade digital.

A formação docente tornou-se elemento essencial para a construção de uma educação profissional alinhada às novas demandas contemporâneas. Souza e Comaru (2022, p. 5) observam que os professores precisam desenvolver metodologias capazes de promover autonomia, protagonismo estudantil e aprendizagem ativa. As práticas pedagógicas tradicionais tornam-se insuficientes diante da velocidade das transformações tecnológicas e laborais.

A contemporaneidade também impõe desafios relacionados à desigualdade social e ao acesso à qualificação profissional. Embora as novas tecnologias ampliem possibilidades de aprendizagem, persistem barreiras econômicas e estruturais que dificultam a formação de amplos setores da população. Santos et al. (2025, p. 20501) afirmam que a formação profissional precisa promover “uma

educação crítica e transformadora”, contribuindo para inclusão social e redução das desigualdades educacionais.

Além da qualificação técnica, a formação contemporânea exige desenvolvimento de consciência crítica e capacidade reflexiva. O trabalhador contemporâneo precisa compreender as implicações sociais, econômicas e éticas das transformações tecnológicas. Santos et al. (2025, p. 20498) destacam que a formação profissional crítica deve promover “autonomia do sujeito” e desenvolvimento de competências voltadas à participação social e cidadania.

A crescente valorização da aprendizagem contínua também está relacionada à instabilidade econômica e às rápidas mudanças organizacionais contemporâneas. O profissional contemporâneo precisa atualizar conhecimentos constantemente para manter competitividade no mercado de trabalho. Graeff (2011, p. 70) afirma que o futuro profissional depende da capacidade de “captar, avaliar, difundir e aproveitar o conhecimento”, demonstrando que a aprendizagem permanente se tornou requisito essencial da contemporaneidade.

Portanto, as novas competências profissionais exigidas na contemporaneidade refletem profundas transformações econômicas, tecnológicas e sociais ocorridas nas últimas décadas. O mercado de trabalho passou a demandar profissionais capazes de integrar competências técnicas, cognitivas, emocionais e digitais, atuando em ambientes produtivos cada vez mais dinâmicos e complexos. Nesse cenário, a qualificação profissional deixa de representar apenas preparação técnica para o trabalho, assumindo também função estratégica relacionada à inovação, cidadania, pensamento crítico e adaptação contínua. Os desafios

contemporâneos evidenciam a necessidade de construção de modelos educacionais mais flexíveis, inclusivos e integrados às demandas sociais e econômicas, capazes de preparar trabalhadores aptos a enfrentar as transformações permanentes do século XXI.

3. METODOLOGIA

A metodologia constitui o conjunto de procedimentos científicos empregados na organização e condução da investigação, estabelecendo o percurso necessário para responder ao problema de pesquisa e alcançar os objetivos propostos. No presente estudo, a estrutura metodológica foi definida considerando a necessidade de compreender as transformações ocorridas no mercado de trabalho contemporâneo em decorrência da convergência entre o avanço da Inteligência Artificial e as instabilidades geopolíticas, buscando identificar como esses fenômenos vêm modificando as exigências profissionais e ampliando a demanda por competências técnicas, comportamentais, analíticas e estratégicas. Para alcançar esse propósito, a investigação caracteriza-se como exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e complementada pela análise crítica e interpretativa da literatura selecionada. Essa configuração apresenta coerência com o problema formulado pelo artigo, que procura identificar quais competências profissionais têm se tornado estratégicas diante das transformações tecnológicas e geopolíticas contemporâneas.

A pesquisa possui caráter exploratório porque busca ampliar a compreensão acerca das relações existentes entre Inteligência Artificial, instabilidade geopolítica, transformações do mercado de trabalho e desenvolvimento de novas competências profissionais. A

natureza do objeto investigado exige estabelecer conexões entre dimensões tecnológicas, econômicas, produtivas, educacionais e laborais que, embora possam ser analisadas individualmente, apresentam crescente interdependência no contexto contemporâneo. O caráter descritivo, por sua vez, manifesta-se na identificação, organização e interpretação das principais transformações apontadas pela literatura, permitindo caracterizar seus efeitos sobre trabalhadores, organizações e processos de qualificação. Nesse sentido, procura-se compreender quais atividades profissionais estão sendo modificadas pela automação, quais competências assumem maior relevância, como as instabilidades internacionais repercutem sobre empresas e empregos e quais desafios essas mudanças estabelecem para a formação e a qualificação profissional.

Quanto à abordagem, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, uma vez que não pretende realizar mensuração estatística dos fenômenos investigados nem produzir ou tratar quantitativamente dados primários. O interesse concentra-se na interpretação dos conceitos, argumentos, evidências e resultados apresentados pela produção científica selecionada. Essa abordagem possibilita analisar criticamente relações complexas envolvendo qualificação profissional, competências socioemocionais, empregabilidade, desigualdade, transformação organizacional, adaptação tecnológica e efeitos das incertezas geopolíticas sobre as relações de trabalho. Mostra-se também adequada à natureza interdisciplinar da investigação, que estabelece interfaces entre Administração, Gestão de Pessoas, Economia, Relações Internacionais e Sociologia do Trabalho. A perspectiva qualitativa permite, portanto, identificar convergências, divergências, complementaridades, contradições e

lacunas existentes entre os trabalhos examinados, ultrapassando a simples reprodução das conclusões apresentadas pelos autores.

Quanto ao método, adotou-se a pesquisa bibliográfica, realizada mediante consulta, seleção, leitura e análise de artigos científicos e outras produções acadêmicas diretamente relacionadas ao objeto investigado. O corpus da pesquisa foi constituído pelas publicações utilizadas na fundamentação teórica, selecionadas segundo sua aderência às temáticas centrais do artigo. Não foram realizadas entrevistas, questionários, formulários, observação direta ou coleta de dados junto a trabalhadores e organizações. A literatura examinada contempla estudos sobre Inteligência Artificial e mercado de trabalho, cultura organizacional, desigualdade digital, geopolítica, cadeias globais de suprimentos, educação profissional e desenvolvimento de competências. Entretanto, a revisão bibliográfica não foi utilizada somente para apresentar conceitos ou reunir posicionamentos, constituindo a base para uma análise crítica destinada a confrontar os argumentos identificados e relacioná-los ao problema investigado.

Os procedimentos metodológicos foram desenvolvidos mediante etapas articuladas. Inicialmente, realizou-se a organização do material bibliográfico considerando sua relação com o problema e os propósitos da investigação. Posteriormente, os estudos foram agrupados em três categorias analíticas correspondentes à estrutura da fundamentação teórica: Inteligência Artificial e transformação do mercado de trabalho; instabilidade geopolítica e seus impactos sobre as dinâmicas econômicas e laborais; e novas competências profissionais e desafios da qualificação. Essa organização possibilitou relacionar os argumentos apresentados pelos diferentes autores, evitando que a revisão bibliográfica permanecesse restrita à

apresentação isolada de estudos e permitindo estabelecer conexões entre transformação tecnológica, contexto geopolítico e mudanças nas competências profissionais.

Na sequência, realizou-se leitura analítica e comparativa da produção selecionada, buscando identificar convergências, divergências, complementaridades e contradições entre as evidências apresentadas. A análise concentrou-se especialmente nas competências digitais e tecnológicas, capacidade analítica, pensamento crítico, criatividade, adaptabilidade, comunicação, inteligência emocional, aprendizagem contínua e capacidade de atuação em ambientes caracterizados pela incerteza. Também foram examinadas questões relacionadas à complementaridade ou substituição do trabalho humano pela Inteligência Artificial, desigualdades de acesso à formação tecnológica, utilização de algoritmos nos processos organizacionais e dependência econômica e tecnológica decorrente da concentração internacional de dados, infraestrutura e tecnologias estratégicas.

Por fim, realizou-se uma análise crítica e interpretativa mediante a articulação dos três eixos investigados, relacionando os resultados da revisão ao problema central da pesquisa. O procedimento buscou compreender relações de complementaridade, tensão e consequência entre os fenômenos analisados, sem pretensão de produzir generalizações estatísticas. Dessa maneira, a revisão bibliográfica forneceu a base científica necessária à investigação, enquanto a análise crítica possibilitou confrontar e interpretar as evidências encontradas. O percurso metodológico permitiu, assim, construir uma compreensão teoricamente fundamentada sobre como a convergência entre Inteligência Artificial e instabilidade geopolítica está contribuindo para redefinir o mercado de trabalho e

tornar a qualificação contínua e o desenvolvimento de novas competências elementos estratégicos para a empregabilidade, adaptação e permanência profissional no contexto contemporâneo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise crítica da revisão bibliográfica permitiu compreender que as transformações do mercado de trabalho contemporâneo não decorrem exclusivamente do avanço da Inteligência Artificial, nem podem ser explicadas isoladamente pelas instabilidades econômicas e geopolíticas. Os estudos analisados evidenciam uma convergência entre transformação tecnológica, reestruturação produtiva, mudanças nas competências profissionais, desigualdades de acesso à qualificação e concentração do domínio tecnológico. Nesse contexto, a questão central ultrapassa o reconhecimento de que a tecnologia modifica o trabalho, exigindo compreender como trabalhadores, organizações e países possuem condições distintas para participar dessas transformações e apropriar-se de seus benefícios.

A revisão demonstrou que o desenvolvimento tecnológico apresenta caráter ambivalente. Ao mesmo tempo em que amplia produtividade, capacidade analítica, inovação e eficiência, também modifica ocupações e pode eliminar determinadas atividades. Borges, Rodrigues e Dutra (2025, p. 8) observam que sistemas baseados em Inteligência Artificial já realizam atividades de montagem, inspeção de qualidade e gerenciamento de inventários, enquanto Hammes Schmidt e Klinkzack (2024, p. 7) identificam sistemas inteligentes executando funções anteriormente dependentes da atuação humana. Assim, não parece adequado classificar a tecnologia exclusivamente como auxiliar ou substitutiva,

pois seu papel depende da natureza e da complexidade das tarefas e da possibilidade de automatização dos conhecimentos empregados em sua realização.

Essa constatação desloca a discussão da simples substituição de profissões para a transformação das tarefas existentes em cada ocupação. Atividades repetitivas, previsíveis e estruturadas apresentam maior possibilidade de automatização, enquanto aquelas que exigem criatividade, julgamento contextual, interação social, capacidade estratégica e resolução de situações não estruturadas permanecem mais dependentes das competências humanas. Nesse sentido, a tecnologia pode substituir parcelas de determinada atividade e, simultaneamente, ampliar a produtividade humana em outras dimensões. O fenômeno representa, portanto, uma reconfiguração do conteúdo do trabalho e não necessariamente o desaparecimento integral das profissões.

Entretanto, essa transformação não alcança os trabalhadores em condições equivalentes. Oliveira et al. (2025, p. 23) destacam que as atividades automatizadas atingem especialmente trabalhadores de baixa qualificação, podendo ampliar disparidades salariais e dificuldades de inserção no mercado formal. Trabalhadores com formação tecnológica mais consistente apresentam melhores condições de ocupar funções associadas à economia digital, enquanto aqueles com menor escolaridade e domínio tecnológico encontram maior exposição às ocupações suscetíveis à automação. A tecnologia, portanto, não cria necessariamente as desigualdades econômicas e sociais, mas pode atuar como mecanismo de amplificação das desigualdades anteriormente existentes quando seu acesso e domínio são distribuídos assimetricamente.

Nesse sentido, é fundamental diferenciar acesso digital de efetiva imersão tecnológica. Possuir internet, computadores, smartphones ou utilizar aplicativos não significa necessariamente possuir competências para compreender e empregar produtivamente sistemas de Inteligência Artificial, ferramentas de análise de dados, automação e plataformas digitais. A desigualdade tecnológica assume, dessa maneira, uma dimensão qualitativa: não corresponde apenas à disponibilidade física da tecnologia, mas à capacidade de convertê-la em conhecimento, produtividade, empregabilidade e renda. A revisão aponta, inclusive, que domínio tecnológico, comunicação, adaptação, interdisciplinaridade e aprendizagem contínua passaram a integrar o perfil profissional contemporâneo.

A relação entre formação e tecnologia pode produzir um mecanismo de retroalimentação da desigualdade. Indivíduos com formação tecnológica mais consistente apresentam maiores possibilidades de alcançar ocupações de elevado valor agregado e, conseqüentemente, melhores condições para continuar investindo em sua qualificação. Em sentido inverso, aqueles com menor acesso à educação tecnológica podem permanecer concentrados em atividades mais vulneráveis à automação, reduzindo suas possibilidades econômicas de adquirir novas competências. Forma-se, assim, um ciclo no qual desigualdades educacionais podem produzir desigualdades tecnológicas que, posteriormente, transformam-se em desigualdades profissionais, econômicas e sociais.

Por essa razão, responsabilizar exclusivamente o trabalhador por sua empregabilidade representa uma interpretação limitada. A qualificação contínua tornou-se necessária, mas as condições econômicas, sociais e educacionais para realizá-la não são

igualmente distribuídas. Indivíduos, instituições de ensino, organizações e Estado possuem responsabilidades complementares nesse processo. Enquanto o trabalhador necessita desenvolver capacidade de aprendizagem permanente, as instituições educacionais precisam atualizar seus modelos formativos, as empresas necessitam investir no desenvolvimento de pessoas e as políticas públicas devem contribuir para reduzir desigualdades no acesso às competências tecnológicas.

Outro aspecto crítico identificado na revisão refere-se à incorporação dos algoritmos aos processos organizacionais. A Inteligência Artificial aplicada ao recrutamento, avaliação de desempenho e tomada de decisão pode aumentar a eficiência, mas também reproduzir desigualdades históricas existentes nos dados utilizados pelos sistemas. Araújo et al. (2025, p. 5) destacam que a denominada “estratificação digital” pode reforçar desigualdades relacionadas à classe social, raça e gênero. Portanto, decisões algorítmicas não podem ser consideradas automaticamente neutras simplesmente porque são processadas matematicamente, especialmente quando os dados utilizados incorporam padrões discriminatórios construídos anteriormente nas relações sociais.

A implicação dessa questão ultrapassa a dimensão ética e alcança a própria eficiência organizacional. Caso um algoritmo de recrutamento reproduza padrões históricos inadequados, profissionais que possuem competências compatíveis com determinada função podem ser excluídos por correlações que não representam sua capacidade real de desempenho. Nesse caso, uma empresa pode utilizar uma tecnologia destinada a aumentar a eficiência de seleção e, paradoxalmente, diminuir sua capacidade de identificar excelentes talentos. O problema torna-se ainda mais

relevante diante de um mercado que exige competências multidimensionais, combinando conhecimentos técnicos, criatividade, comunicação, adaptabilidade, trabalho em equipe e capacidades socioemocionais.

Consequentemente, decisões algorítmicas relacionadas às pessoas necessitam de mecanismos de supervisão, transparência e avaliação. Quanto maior o impacto de uma decisão sobre contratação, promoção, avaliação ou desligamento, maior deve ser a preocupação com a possibilidade de revisão humana. Utilizar Inteligência Artificial responsavelmente não significa rejeitar sua capacidade de processamento, mas compreender que eficiência computacional e qualidade decisória não são necessariamente equivalentes. Uma decisão pode ser rápida e estatisticamente consistente e, simultaneamente, produzir consequências organizacionais injustas ou economicamente inadequadas, comprometendo diversidade, inclusão e aproveitamento do capital humano disponível.

A concentração do desenvolvimento tecnológico amplia essa discussão para o campo geopolítico. Oliveira (2025, p. 14) aponta que tecnologias de propósito geral podem favorecer a concentração de poder em poucas organizações, aumentando desigualdades econômicas. A mesma lógica pode ser analisada nas relações internacionais: países que concentram infraestrutura tecnológica, capacidade computacional, semicondutores, dados e sistemas avançados de Inteligência Artificial adquirem vantagens estratégicas, enquanto economias com menor capacidade científica e tecnológica podem tornar-se progressivamente dependentes desses recursos.

A rivalidade entre Estados Unidos e China envolvendo semicondutores e Inteligência Artificial evidencia essa transformação. Dados e capacidade tecnológica deixaram de representar exclusivamente recursos econômicos e passaram a constituir ativos estratégicos de poder internacional. A revisão demonstra que disputas contemporâneas incorporam dimensões comerciais, financeiras e tecnológicas, associando tecnologia, soberania econômica e geopolítica. Nesse contexto, a dependência tecnológica pode reduzir a autonomia estratégica de países que necessitam de sistemas, infraestrutura e componentes desenvolvidos e controlados externamente.

A comparação com a dependência energética contribui para compreender essa possibilidade. Silva e Peixinho (2025, p. 160) indicam que a dependência de recursos energéticos pode funcionar como instrumento de pressão sobre economias vulneráveis. Embora tecnologia e energia apresentem características distintas, quanto maior a dependência de tecnologias essenciais controladas externamente, maior pode ser a exposição de um país às decisões comerciais, econômicas e regulatórias tomadas pelos detentores dessas tecnologias. Isso não significa necessariamente perda formal de soberania, mas pode produzir restrições à autonomia econômica e tecnológica nacional.

Essa dependência também apresenta consequências para o mercado de trabalho. Economias tecnologicamente desenvolvidas tendem a concentrar pesquisa, inovação e atividades de maior valor agregado, enquanto países dependentes podem permanecer predominantemente consumidores das tecnologias desenvolvidas externamente. A revisão destaca que limitações de infraestrutura tecnológica, qualificação profissional e investimentos em inovação

reduzem a capacidade competitiva brasileira diante das economias tecnologicamente mais avançadas. Portanto, desenvolvimento tecnológico, formação profissional e autonomia econômica constituem dimensões diretamente relacionadas.

A análise crítica permite, assim, rejeitar interpretações deterministas sobre a Inteligência Artificial. A tecnologia pode ampliar produtividade, gerar oportunidades e complementar competências humanas, mas também pode substituir tarefas, reproduzir discriminações e aprofundar desigualdades. Seus efeitos dependem das formas pelas quais os sistemas tecnológicos são desenvolvidos, distribuídos e incorporados às estruturas econômicas e sociais. Nesse cenário, a qualificação continuada assume posição estratégica, combinando conhecimentos técnicos com criatividade, capacidade analítica, inteligência emocional, comunicação, adaptabilidade e aprendizagem permanente.

Portanto, a revisão bibliográfica sustenta a compreensão de que Inteligência Artificial e instabilidade geopolítica estão redefinindo o mercado de trabalho e ampliando a relevância das competências técnicas, analíticas, adaptativas, comunicacionais e estratégicas. Entretanto, identificar essas competências não é suficiente. É necessário compreender quem possui condições econômicas e educacionais para desenvolvê-las, como os sistemas tecnológicos reconhecem e avaliam essas capacidades e em que medida organizações e países possuem autonomia sobre as tecnologias utilizadas. O futuro do trabalho dependerá, assim, não somente da velocidade da inovação, mas das escolhas educacionais, organizacionais, regulatórias e estratégicas adotadas para assegurar que o avanço tecnológico amplie capacidades humanas e

oportunidades econômicas, em vez de aprofundar desigualdades e novas formas de dependência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito analisar as transformações ocorridas no mercado de trabalho contemporâneo diante da convergência entre o avanço da Inteligência Artificial e a crescente instabilidade geopolítica, buscando compreender quais competências profissionais assumem caráter estratégico nesse novo contexto. O problema de pesquisa procurou responder **quais competências profissionais têm se tornado estratégicas no mercado de trabalho contemporâneo em razão do avanço da Inteligência Artificial e das transformações provocadas pelas instabilidades geopolíticas**. A revisão bibliográfica e sua posterior análise crítica demonstraram que esses fenômenos não devem ser interpretados isoladamente, pois tecnologia, economia, geopolítica, educação e trabalho constituem dimensões cada vez mais interdependentes na configuração das relações produtivas contemporâneas.

A hipótese estabelecida inicialmente considerou que a Inteligência Artificial e a instabilidade geopolítica estariam redefinindo o mercado de trabalho ao exigir dos profissionais não somente competências técnicas relacionadas às novas tecnologias, mas também capacidades analíticas, adaptativas, comunicacionais e estratégicas, transformando a qualificação contínua em fator relevante para empregabilidade e permanência profissional. Os resultados obtidos por meio da revisão bibliográfica e da análise crítica permitem considerar essa hipótese corroborada no âmbito da literatura examinada. Verificou-se que a automatização modifica

atividades profissionais, especialmente aquelas repetitivas e estruturadas, ao mesmo tempo em que amplia a importância das capacidades humanas relacionadas à criatividade, pensamento crítico, interpretação, comunicação, inteligência emocional, adaptação e resolução de problemas complexos.

Em relação ao objetivo geral, que consistiu em analisar como a Inteligência Artificial e os contextos de instabilidade geopolítica têm redefinido as exigências do mercado de trabalho, destacando a necessidade de formação e desenvolvimento de novas competências profissionais, considera-se que o propósito foi alcançado. A pesquisa demonstrou que a IA apresenta natureza ambivalente: simultaneamente complementa capacidades humanas e substitui determinadas tarefas, promovendo alterações na estrutura ocupacional e nas competências demandadas pelas organizações. Da mesma forma, as instabilidades geopolíticas afetam cadeias produtivas, investimentos, comércio internacional, custos empresariais e níveis de emprego, exigindo trabalhadores e organizações mais preparados para atuar em cenários caracterizados pela incerteza e pela rápida transformação.

Os objetivos específicos também foram contemplados ao longo da investigação. Foi possível compreender as principais transformações decorrentes da Inteligência Artificial, identificar os efeitos das instabilidades geopolíticas sobre as dinâmicas econômica, produtiva e laboral e examinar as competências que adquiriram maior relevância. A literatura analisada evidenciou a necessidade de integração entre *hard skills* e *soft skills*, reunindo domínio tecnológico, capacidade analítica e competências digitais com criatividade, comunicação, inteligência emocional, adaptabilidade, trabalho em equipe e aprendizagem contínua. Consequentemente,

a qualificação profissional deixa de representar uma etapa limitada ao ingresso no mercado de trabalho e assume caráter permanente, acompanhando o indivíduo ao longo de sua trajetória profissional.

A análise crítica permitiu, entretanto, ampliar a discussão inicialmente proposta. Constatou-se que a transformação tecnológica não afeta os indivíduos de maneira homogênea. Trabalhadores com maior formação tecnológica apresentam melhores condições de apropriar-se das oportunidades criadas pela economia digital, enquanto aqueles com menor qualificação podem apresentar maior vulnerabilidade diante da automatização. Dessa maneira, a insuficiência de imersão tecnológica durante a formação pode contribuir para ampliar desigualdades profissionais, econômicas e sociais. O estudo também evidenciou que responsabilizar exclusivamente o trabalhador por sua qualificação seria insuficiente, pois instituições educacionais, empresas e Estado compartilham responsabilidades na construção das condições necessárias ao desenvolvimento das novas competências profissionais.

Outro resultado relevante refere-se à utilização da Inteligência Artificial nos próprios processos organizacionais. Algoritmos empregados em recrutamento, avaliação e tomada de decisão podem ampliar eficiência, mas também reproduzir desigualdades existentes nas bases de dados utilizadas. Consequentemente, organizações podem excluir profissionais qualificados em razão de correlações algorítmicas inadequadas e, paradoxalmente, perder talentos que apresentam as competências necessárias às suas estratégias. Essa constatação reforça a necessidade de supervisão humana, transparência e avaliação crítica das decisões automatizadas, demonstrando que eficiência computacional não

significa necessariamente qualidade, neutralidade ou justiça decisória.

No plano internacional, concluiu-se ainda que o domínio da Inteligência Artificial, dos dados, dos semicondutores e da infraestrutura computacional passou a constituir componente relevante do poder econômico e geopolítico. Países que concentram essas capacidades podem adquirir vantagens estratégicas, enquanto economias tecnologicamente dependentes permanecem mais vulneráveis às decisões comerciais, regulatórias e políticas tomadas pelos grandes centros de inovação. Essa condição também repercute sobre o mercado de trabalho, uma vez que economias tecnologicamente desenvolvidas tendem a concentrar atividades de pesquisa, inovação e maior valor agregado. Assim, qualificação profissional, capacidade tecnológica nacional e autonomia econômica mostram-se dimensões estreitamente relacionadas.

Conclui-se, portanto, que o problema de pesquisa encontra resposta na identificação de um perfil profissional multidimensional, no qual competências tecnológicas e digitais precisam estar associadas a capacidades analíticas, pensamento crítico, criatividade, comunicação, inteligência emocional, adaptabilidade, visão estratégica e aprendizagem contínua. A qualificação permanente configura-se, assim, como elemento central da empregabilidade no cenário analisado. Contudo, o futuro do trabalho não será determinado exclusivamente pela evolução da Inteligência Artificial ou pela intensidade das instabilidades geopolíticas, mas também pela capacidade de trabalhadores, empresas, instituições educacionais e governos de responder estrategicamente a essas transformações. O desafio contemporâneo consiste em fazer com que a inovação tecnológica amplie as capacidades humanas, a

produtividade e as oportunidades profissionais, evitando que sua expansão contribua para aprofundar desigualdades, discriminações algorítmicas e novas formas de dependência econômica e tecnológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Hasapazy Beatriz Varela Ribeiro de; SILVA, Roxana; MORENO, Tiago; FREIRA NETO, Elvio; BRITO, Janaina Raíla de; LIMA, Weberson de Aquino; OLIVEIRA, Elimere Alves de; FERREIRA, Alenuska Karine de Medeiros. **Estratificação digital por inteligência artificial: novas formas de desigualdade social no Brasil contemporâneo.** **Revista Araçê**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 12, p. 1-14, 2025. DOI: 10.56238/arev7n12-329. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/11489>. Acesso em: 26 abr. 2026.

BORGES, Giovani Teixeira; RODRIGUES, Jose Otavio Jardim; DUTRA, Júlio Afonso Alves. **Inteligência artificial e o mercado de trabalho: perspectivas e tendências.** *International Contemporary Management Review*, v. 6, n. 1, p. 1-20, 2025. DOI: 10.54033/icmr6n1-002. Disponível em: <https://www.icmreview.com/icmr/article/view/218>. Acesso em: 26 Abr. 2026.

CARDOSO, Silvana Maria Aparecida Viana Santos et al. **Inteligência artificial e cultura organizacional: desafios e perspectivas na transformação das empresas contemporâneas.** *Revista Cadernos Cajuína*, v. 10, n. 4, p. 1-20, 2025. Disponível em: DOI: 10.52641/cadcajv10i4.1252 Acesso em: 26 abr. 2026.

CARVALHO, Pedro de. **Tensões geopolíticas e reestruturação econômica: um estudo sobre fragmentação geoeconômica.** Brazilian Journal of International Relations, Marília, v. 14, n. 4, p. 1-20, 2025. DOI: 10.36311/2237-7743.2025.v14.e025012. Acesso em: 27 abr. 2026

FLAMANGOLA, Renata de Farias; LIMA, Fabiola Pinheiro Lambeck de; GOMES, Conceição Liane Pinheiro; CASTRO, Dunalva Fortes de. **Geopolítica, comércio internacional e soberania econômica: o papel do direito econômico em conflitos comerciais contemporâneos.** Revista ERRO1, São José dos Pinhais, v. 10, n. 4, p. 1-20, 2025. DOI: 10.56238/ERR01v10n4-026. Acesso em: 27 abr. 2026.

GRAEFF, Patrícia Stein. **Educação e os desafios contemporâneos para atuação profissional.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 1290-1303, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i4.18708. Acesso em: 15 abr. 2026.

GRAEFF, Regina Célia Baptista Belluzzo. **As competências do profissional da informação nas organizações contemporâneas.** Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 58-73, 2011. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/180>. Acesso em: 27 abr. 2026.

GREGATTE, Ana Julia; CAMPOS, Luiz Sena da Silva; PACE, Luiz Tizo. **Impacto das crises geopolíticas na cadeia de suprimentos.** Revista Ciências Exatas, Taubaté, v. 31, n. 2, p. 1-15, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.69609/1516-2893.2025.v31.n2.a4067>. Acesso em: 26 abr. 2026.

HAMMESCHMIDT, Wesley Mayer; KLINKZACK, Marjori. **Estudo sobre o impacto da inteligência artificial na evolução do mercado de trabalho.** Revista Tecnológica UniFATEC, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 1-15, 2024. DOI: 10.62790/rtfv15n1-009. Disponível em: <https://www.periodico.unifatecpr.com.br/index.php/rtf/article/view/33>. Acesso em: 26 abr. 2026.

NASCIMENTO, Rubens Vinicius Vieira; ANDRADE, Rogério Emilio de; MENEZES, Daniel Antonio Almeida; NETO, José Branco Peres; CASTRO, Cristiany de. **Geopolítica e a nova ordem mundial no século XXI: transformações, conflitos e desafios para o direito internacional.** Revista FT, v. 30, n. 157, p. 1-18, 2026. DOI: 10.69849/967k2159.

OLIVEIRA, Wenderson F. B de, et. al. **Transformações no mercado de trabalho e salários com a ascensão da inteligência artificial: impactos sobre o trabalhador moderno.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/266380>. Acesso em :26 abr.2026.

SANTOS, Dineilse Souza; FAVA, Rivadavia Porto Cavalcante; MADLENER, Jair José; FILHO, Albano Dias Pereira. **O lugar da educação profissional e tecnológica na reforma do ensino médio em contexto brasileiro: da Lei nº 13.145/2017 à BNCC.** Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, Natal, v. 2, n. 20, p. 1-14, 2020. DOI: 10.15628/rbept.2020.9488. Acesso em: 27 abr. 2026.

SANTOS, Keyla Cristina Farias dos. **Inteligência artificial: avanços e retrocessos das novas tecnologias no âmbito internacional para o efetivo acesso à justiça na atualidade.** Revista Brasileira de

Desenvolvimento e Inovação, v. 2, p. 1-14, 2023. Disponível em: <https://rbdin.com.br/index.php/revista/article/view/48>. Acesso em: 26 abr. 2026.

SANTOS, Lucineide Nascimento dos; JUNIOR, Alex Junior Grander; MOURA, Cleberson Cordeiro de; FIGUEIREDO, Clebia Vilela; MOTA, Daniela Paula de Lima Nunes; RIBEIRO, Henrique Leonardo; CARDOSO, Jaqueline Aparecida Gomes; DESTEFANI, Josilaine dos Santos Ferreira; MENDES, Lilian Cristiane dos Santos. **Educação e trabalho: perspectivas críticas para a formação profissional.** Revista Araçê, São José dos Pinhais, v. 7, n. 4, p. 20488-20504, 2025. DOI: 10.56238/arev7n4-278. Acesso em: 26 abr. 2026.

SILVA, Sabrina Carlindo; PEIXINHO, Dimas Moraes. **A geopolítica da energia e a consolidação do petróleo como instrumento de poder.** Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais, Iporá, v. 14, n. 1, p. 148-167, 2025. DOI: 10.31668/xq1bjb55. Acesso em: 27 abr. 2026.

SOUZA, Ana Cláudia Ribeiro de; COMARU, Michele Waltz. **Os desafios do Ensino na Educação Profissional: ampliando a discussão.** Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico, Manaus, v. 8, p. 1-8, 2022. DOI: 10.31417/educitec.v8.1937. Acesso em: 20 abr. 2026.

¹ Discente do Curso Superior de Administração da Universidade do Estado da Bahia - *Campus Eunápolis*/BA.

² Docente do Curso Superior de Administração da Universidade do Estado da Bahia - *Campus Eunápolis*/BA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

³ Docente do Curso Superior de Administração da Universidade do Estado da Bahia - *Campus* Eunápolis/BA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁴ Docente do Curso Superior de Administração da Universidade do Estado da Bahia - *Campus* Eunápolis/BA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)